



UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA

O ARRABALDE DA BELA FRIA.
CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DA TAVIRA ISLÂMICA.

Sandra Cristina da Costa Fialho Palma Cavaco

Mestrado em Portugal Islâmico e o Mediterrâneo



UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA

O ARRABALDE DA BELA FRIA.
CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DA TAVIRA ISLÂMICA.

Sandra Cristina da Costa Fialho Palma Cavaco

Mestrado em Portugal Islâmico e o Mediterrâneo

Dissertação orientada por:

Prof. Doutora Susana Gómez Martínez

Prof. Doutor Luís Filipe Oliveira

Resumo: A presente dissertação apresenta os resultados da intervenção arqueológica realizada na face Noroeste da colina de Santa Maria em Tavira, durante a qual foi identificado um arrabalde de fundação almóada, bem como o embasamento de um torreão da muralha de que se desconhecia a existência.

Ainda que o arrabalde enquanto entidade urbana tenha tido uma curta existência, estão atestadas diversas remodelações do espaço, evidenciadas, por exemplo, por vários níveis de pavimento. Por outro lado, as estruturas escavadas atestam um urbanismo cuidado, estando as habitações dispostas em torno da rede viária a qual é sulcada pelo saneamento público. O abastecimento de água ao arrabalde seria feito com recurso a uma nora, cuja existência apenas é comprovada pela presença significativa de alcatruzes.

O estudo das cerâmicas exumadas, bem como a análise dos materiais recolhidos, permitiu aferir o carácter habitacional do espaço em análise, ainda que não se possa descartar totalmente a função artesanal.

Palavras-chave: Tavira – Arqueologia – Arrabalde – Cerâmica Islâmica – Fortificações

Abstract: This paper presents the results of the archaeological intervention performed in Santa Maria's Northeast hill, Tavira, during which Almohad-founded outskirts were identified, as well as the basement of a previously unknown tower belonging to the city's main walls.

Although the outskirts as an urban entity were short lived, one can perceive many changes in its space, for instance attested by several paving layers. Besides, the excavated structures exhibit a careful urban planning, being the houses disposed around the road network, which is bisected by the public sewage system. The outskirts' water supplying was done through a noria, whose existence is proved by the significant present of jugs.

The study of the exhumed pottery and the analysis of the other retrieved materials enabled the assessment of this place's housing characteristics, though one can't totally discard the possibility of a craft function.

Keywords: Tavira – Archaeology – Outskirts – Islamic Ceramics – Strongholds

A Maria Rosa e Vicente Fialho.

Agradecimentos.

Um trabalho desta natureza, apesar do seu carácter solitário, nunca é realizado sem o “trabalho de bastidores” de um conjunto de pessoas que profissionalmente, academicamente ou pessoalmente, nos apoiam e nos fazem levar a bom porto um projecto que ocupou e enriqueceu a minha vida nos últimos três anos. É a esse suporte que quero agradecer, pedindo desde já desculpa sobre eventuais omissões.

Em primeiro lugar, quero agradecer a três entidades sem as quais a presente dissertação não seria possível. À Câmara Municipal de Tavira agradeço a permissão de realizar a presente dissertação, bem como o acesso à informação de campo e aos materiais arqueológicos. À Universidade do Algarve e ao Campo Arqueológico de Mértola os meus agradecimentos pela organização deste mestrado.

À equipa de arqueologia da Câmara Municipal de Tavira, companheiros inestimáveis em tantos trabalhos arqueológicos, agradeço a sua dedicação e empenho sem os quais não seria possível realizarmos, com tão poucos recursos, todos os trabalhos efectuados até aqui. À Jaquelina Covaneiro agradeço o profissionalismo e a amizade que marcaram a nossa parceria dos últimos nove anos. Sem o seu apoio e discernimento nos longos debates sobre o arrabalde e a evolução urbana da cidade, este trabalho nunca teria sido concretizado. À Susana Gonçalves pela amizade e pelas fotografias. À Ana Vieira pela constante boa disposição e pelos desenhos. Ao Celso Candeias pelo perfeccionismo e pelas plantas. Ao José Andorinha e a todos os anteriormente mencionados pelos trabalhos de campo. Agradeço ainda a Leonor Esteban e Yamilet Dias pela conservação e restauro das peças cerâmicas, a Helena Viegas e Teresa Barros pelas plantas, a Stelmo Barbosa e João Carvalho pelo apoio informático, e a Pedro Barão pelas conversas sobre a evolução urbana de Tavira e pelas intensas trocas de informação. A Isabel Salvado, Óscar Caeiro e António Monteiro do Arquivo Municipal de Tavira pelas fotografias.

Ao Campo Arqueológico de Mértola, instituição que me acolheu desde os meus primeiros passos na Arqueologia, agradeço o carinho e amizade com que todos os seus funcionários me receberam desde o primeiro dia (no longínquo ano de 1996), sempre dispostos a partilhar experiências e a sua sabedoria, fazendo com que me sinta uma “filha da casa”. Agradeço a Filipa Medeiros, Armanda Salgado e Filipa Rodrigues, pelo apoio dado na Biblioteca do CAM, e a Lígia Rafael pelas informações bibliográficas sobre metais. Um especial agradecimento à Nélia Romba pela amizade e apoio na tintagem dos desenhos da presente dissertação.

Em segundo lugar, quero agradecer aos meus orientadores, pelo seu apoio e amizade, pelas indicações e pela paciência. Sem eles este percurso seria mais penoso, menos rico e, possivelmente, impossível de concretizar. Endereço ainda os meus agradecimentos aos restantes professores do mestrado, em especial a Cláudio Torres e Santiago Macias pelo esclarecimento de dúvidas.

A Claire Déléry, Francisco Cavilla, Maria José Gonçalves e Luís Campos Paulo agradeço a disponibilização das suas teses, sem as quais este trabalho seria mais pobre. A Helena Catarino, Juan Zozaya e Guillermo Rosselló pelo carinho com que sempre me trataram e pelas informações e esclarecimentos sobre os materiais cerâmicos em estudo. Ao Gonçalo Lopes, agradeço a amizade e a troca de informações, o debate constante, o esclarecimento de dúvidas e as indicações bibliográficas. A Abdallah Khawli pela amizade e pela colaboração prestada na tradução dos motivos epigráficos presentes nas estampilhas, bem como a inscrição presente numa das talhas, os meus sinceros agradecimentos. A António Monge Soares os meus agradecimentos pelas datações absolutas do arrabalde.

Aos meus colegas de mestrado agradeço a amizade e a imensa troca de experiências, apenas possível devido à heterogeneidade do grupo. Graças a eles termino este percurso enriquecida e, sem a sua presença a meu lado, tudo teria sido mais difícil. À Ana Dias, à Mariana Costa e ao Luís Maçarico agradeço a amizade sincera. Ao Rolando Rosa pela amizade e pela companhia nas viagens até Mértola, bem como a tradução do resumo da dissertação. A Ana Azevedo, Ana Penedo, Hugo Baptista, Marco Valente e Pedro Carlos reconheço a amizade e apoio.

Em terceiro lugar os meus agradecimentos são dirigidos aos meus amigos. Pela visão de pré-historiadora sobre temas islâmicos agradeço à Gertrudes Branco, amiga de longa data e “pilar do conhecimento”. Ao segundo “pilar do conhecimento”, Fátima Costa, agradeço a amizade, agradecimentos extensivos a Ana Ribeiro e Jorge António. Ao Carlos Amaral agradeço a amizade, apoio e compreensão.

Finalmente agradeço à minha família. À Clara Rodrigues, que é como uma irmã para mim, agradeço a enorme paciência com que escutou as minhas dúvidas e acalmou as minhas angústias, bem como o apoio incondicional durante a elaboração da dissertação. À Ana Rita pela alegria de viver e pelo apoio. Por último, e como os últimos são de facto os primeiros, os meus agradecimentos vão para os meus pais e avós maternos, a quem devo tudo o que sou, reconhecendo que sem eles este e outros percursos nunca teriam sido possíveis. Agradeço-lhes o amor e apoio incondicional, bem como os valores que me inculcaram, ensinando-me desde tenra idade que o trabalho árduo e honesto permite atingir todos os nossos sonhos e objectivos.

Índice

1. Introdução.	001
2. Metodologia.	003
2.1. Metodologia para o estudo das cerâmicas.	003
2.2. Apresentação de datas.	004
2.3. Transliterações.	005
3. Enquadramento histórico-geográfico.	006
3.1. Tavira e o território.	006
3.1.1. <i>Caracterização geológica, geomorfológica e hidrológica.</i>	006
3.1.2. <i>Flora e fauna.</i>	007
3.2. Breve resenha histórica do (Gharb) al-Andalus.	009
3.2.1. <i>A invasão árabe e a conquista do território.</i>	009
3.2.2. <i>Período Emiral/Califal.</i>	011
3.2.3. <i>As primeiras taifas.</i>	012
3.2.4. <i>Os impérios africanos e o fim do al-Andalus.</i>	013
4. Tavira. Das origens ao espaço atlântico.	016
4.1. O Bronze Final pré-fenício: as origens.	016
4.2. A Idade do Ferro: a consolidação do núcleo urbano de *BAALSA...	017
4.3. Da Tavira fenícia ao Serro do Cavaco e a Balsa.	021
4.4. O regresso à colina de Santa Maria.	026
4.5. <i>Tabîra</i> , a “escondida”: a ocupação islâmica.	027
4.6. Moçárabes em Tavira.	029
4.7. Do crescente à cruz – os primeiros anos de ocupação cristã.	030
4.8. Do zénite ao ocaso – ascensão e queda daquela que foi a mais importante cidade do Algarve.	034
5. Tavira Islâmica.	039
5.1. O topónimo de Tavira.	039
5.2. As fontes escritas.	040
5.2.1. <i>As fontes árabes – obras geográficas.</i>	041
5.2.2. <i>As fontes árabes – outros documentos.</i>	043
5.2.3. <i>As fontes cristãs – A Crónica da Conquista do Algarve e o Foral de Tavira de 1266.</i>	047
5.2.4. <i>O dealbar da Tavira Cristã segundo a Crónica da Conquista do Algarve.</i>	048
5.2.5. <i>Em torno da data da conquista de Tavira.</i>	049
5.3. Debatendo algumas hipóteses sobre a Tavira Islâmica.	051
5.3.1. <i>As mesquitas de Tavira.</i>	051
5.3.2. <i>O Alto de Santa Ana.</i>	055
5.3.2.1. <i>Breve relato da vida de Ibn Qasî.</i>	055
5.3.2.2. <i>O ribat ou os ribats de Ibn Qasî?</i>	057
5.3.2.3. <i>O Alto de Santa Ana e a Alcaria Jilla.</i>	059
6. Património arqueológico e arquitectónico islâmico de Tavira.	062
6.1. As muralhas.	062
6.1.1. <i>A primeira muralha de Tavira.</i>	062
6.1.2. <i>A fortificação nas fontes escritas.</i>	063
6.1.3. <i>Génese e evolução do castelo e das muralhas.</i>	065
6.1.4. <i>As campanhas medievais cristãs e modernas.</i>	067
6.1.5. <i>O declínio da estrutura defensiva.</i>	068
6.1.6. <i>O castelo e as muralhas de Tavira – o estado actual.</i>	070
6.1.7. <i>O problema das classificações tipológicas.</i>	073
6.1.8. <i>Em torno das propostas de evolução do recinto amuralhado.</i>	074

6.1.9. Conclusões.	075
6.2. Os dados arqueológicos.	076
7. O arrabalde da Bela Fria.	082
7.1. A escavação arqueológica.	082
7.2. As estruturas do arrabalde.	083
7.3. A dieta alimentar dos habitantes do arrabalde da Bela Fria.	085
7.4. Funcionalidade(s) do arrabalde.	085
7.5. Cronologia do arrabalde.	086
8. Materiais arqueológicos do arrabalde da Bela Fria.	087
8.1. Objectos em osso trabalhado.	087
8.2. Objectos em metal.	088
8.3. Outros materiais.	088
8.4. As cerâmicas.	089
8.4.1. Os fabricos.	089
8.4.2. As formas, as funções e os usos.	093
8.4.2.1. Armazenamento e transporte.	094
8.4.2.2. Louça de cozinha.	098
8.4.2.3. Louça de mesa.	104
8.4.2.4. Objectos de iluminação.	110
8.4.2.5. Objectos de uso doméstico indeterminado.	111
8.4.2.6. Objectos de uso agrícola e artesanal.	112
8.4.2.7. Objectos de uso lúdico e ritual.	113
8.4.2.8. Materiais de construção.	115
8.4.2.9. Indeterminados.	115
8.4.3. Os acabamentos.	116
8.4.3.1. Alisado.	116
8.4.3.2. Engobes e aguadas.	117
8.4.3.3. Brunido.	117
8.4.3.4. Espatulado.	118
8.4.3.5. Vidrado.	118
8.4.4. A ornamentação.	120
8.4.4.1. Técnicas.	121
8.4.4.1.1. Pintura.	121
8.4.4.1.2. Estampilha.	122
8.4.4.1.3. Caneluras.	123
8.4.4.1.4. Incisão.	123
8.4.4.1.5. Excisão.	124
8.4.4.1.6. Impressão.	124
8.4.4.1.7. Aplicações plásticas.	125
8.4.4.1.8. Corda seca.	125
8.4.4.1.9. Louça dourada.	126
8.4.4.2. Motivos.	127
8.4.5. Defeitos de fabrico.	130
8.4.6. Alterações pós-fabrico.	130
8.4.7. Paralelos formais.	131
9. Conclusão.	132
10. Bibliografia.	137

Índice dos anexos

Tabela 1	Fragmentos não individualizados. Distribuição por fabricos das formas identificadas.	I
Tabela 2	Fragmentos não individualizados. Distribuição por fabricos dos elementos morfológicos identificados.	II
Figura 1	Mapa do Algarve.	III
Figura 2	Localização de Tavira no Sotavento algarvio.	III
Figura 3	Localização da Igreja de Santa Maria do Castelo e da Igreja de Santiago.	IV
Figura 4	Localização da alcaria Jilla segundo Luís Fraga.	IV
Figura 5	Fragmento da Planta de Tavira de Leonardo Ferrari.	V
Figura 6	Fragmento do “Borrão do alçado da Planta de Tavira” de José de Sande Vasconcelos.	V
Figura 7	Planta de Tavira de Sande Vasconcelos.	VI
Figura 8	Pormenor da barbacã da Rua Detrás dos Muros.	VI
Figura 9	Barbacã da Rua dos Pelames.	VII
Figura 10	Lápide comemorativa da abertura da Porta da Alcáçova.	VII
Figura 11	Torre que protegia a Porta da Alfeição, ostentando o campanário do sino municipal.	VIII
Figura 12	Lápide comemorativa da abertura da Porta da Alfeição.	VIII
Figura 13	Fragmento do “Borrão do alçado da Planta de Tavira” de José de Sande Vasconcelos.	IX
Figura 14	Procissão do Corpo de Deus no interior do Castelo captada por Selésio Padinha.	IX
Figura 15	Pormenor do Castelo de Tavira a partir da “Planta do Castelo de Tavira” de José de Sande Vasconcelos.	X
Figura 16	Porta do castelo defendida por torre de planta rectangular.	X
Figura 17	Evolução das muralhas de Tavira.	XI
Figura 18	Torre do Mar demolida em 1886.	XI
Figura 19	Torre com arco de volta perfeita.	XI
Figura 20	Perímetro amuralhado à época da conquista almóada (adaptado).	XII
Figura 21	Arrabalde da Bela Fria.	XII
Figura 22	Arrabalde do Orfeão.	XIII
Figura 23	Localização do Arrabalde da Bela Fria na cidade de Tavira com indicação das áreas intervencionadas.	XIII
Figura 24	Localização do Arrabalde da Bela Fria na Carta Militar 1:25000.	XIV
Figura 25	Aspecto do Torreão aquando da sua escavação.	XV
Figura 26	Torreão da Bela Fria.	XV
Figura 27	Planta das estruturas escavadas.	XVI
Figura 28	Planta das estruturas escavadas com diferenciação do tipo de estruturas.	XVI
Figura 29	Derrube do identificado no Compartmento A.	XVII
Figura 30	Pormenor do derrube.	XVII
Figura 31	Compartmento C.	XVIII
Figura 32	Compartmentos E e F.	XVIII

Figura 33	Compartimentos E e F após desmonte do muro que os separava.	XIX
Figura 34	Pormenor da rua.	XIX
Figura 35	Pormenor da escavação de uma das canalizações de carácter público.	XX
Figura 36	Aparelho construtivo de canalização pública.	XX
Figura 37	Pormenor da escavação de um alcatruz.	XXI
Figura 38	Pormenor da escavação de uma torre de roca.	XXI
Figura 39	Materiais em osso trabalhado.	XXII
Figura 40	Astrágalo de ovicaprino.	XXII
Figura 41	Placa ornamental em chumbo.	XXII
Figura 42	Pesos de rede em chumbo.	XXIII
Figura 43	Dinheiros de D. Sancho II.	XXIII
Figura 44	Fivela em liga de cobre.	XXIII
Figura 45	Ferragem com douramento em forma de estrela ou de flor octopétala.	XXIV
Figura 46	Mó em pedra.	XXIV
Figura 47	Mó em pedra.	XXIV
Figura 48	Projéctil de funda.	XXIV
Tabela 3	Fabricos cerâmicos.	XXV
Gráfico 1	Fabricos cerâmicos.	XXV
Estampa I	Armazenamento e Transporte.	XXVI
Figura 49	Cântaro (CSM 115).	XXVII
Figura 50	Cantil (CSM 151).	XXVII
Figura 51	Pote (CSM 154).	XXVIII
Figura 52	Fragmento de talha com arranque de asa (CSM 153).	XXVIII
Figura 53	Fragmento de bordo de talha com grafito (CSM 270).	XXIX
Figura 54	Pormenor do grafito (CSM 270).	XXIX
Figura 55	Fragmento de bojo de talha com negativo de fibra têxtil.	XXX
Figura 56	Fragmento de tampa de talha.	XXX
Estampa II	Louça de cozinha – caçoilas.	XXXI
Estampa III	Louça de cozinha – panelas.	XXXII
Estampa IV	Louça de cozinha.	XXXIII
Figura 57	Panela (CSM 118).	XXXIV
Figura 58	Caçoila (CSM 180).	XXXIV
Figura 59	Alguidar (CSM 155).	XXXV
Figura 60	Alguidar (CSM 152).	XXXV
Estampa V	Louça de mesa – taças e tigelas.	XXXVI
Estampa VI	Louça de mesa – jarra, jarrinha, bilha, copo e bule.	XXXVII
Figura 61	Bilha (CSM 161).	XXXVIII
Figura 62	Copo (CSM 191).	XXXVIII

Figura 63	Jarrinha (CSM 170).	XXXIX
Figura 64	Tigela (CSM 111).	XXXIX
Figura 65	Jarra (CSM 149).	XL
Figura 66	Bule (CSM 171).	XL
Estampa VII	Objectos de iluminação.	XLI
Figura 67	Candeia (CSM 074).	XLII
Figura 68	Candeia (CSM 147).	XLII
Estampa VIII	Objectos de uso doméstico indeterminado.	XLIII
Figura 69	Tampa (CSM 116).	XLIV
Figura 70	Tampa (CSM 319).	XLIV
Estampa IX	Objectos de uso agrícola e artesanal.	XLV
Figura 71	Alcatruz (CSM 159).	XLVI
Figura 72	Peso de rede (CSM 174).	XLVI
Estampa X	Objectos de uso lúdico e ritual.	XLVII
Figura 73	Pedras de jogo vidradas.	XLVIII
Figura 74	Pedras de jogo com pintura a branco.	XLVIII
Figura 75	Pedras de jogo reaproveitando fragmentos de telha.	XLIX
Figura 76	Pedra de jogo em forma de losango (CSM 314).	XLIX
Figura 77	Fragmento de pia de abluções (CSM 068).	L
Figura 78	Fragmento de pia de abluções em corda seca total (CSM 312).	L
Estampa XI	Materiais de construção.	LI
Figura 79	Cano (CSM 150).	LII
Figura 80	Cano (CSM 132).	LII
Tabela 4	Formas funcionais presentes no Arrabalde da Bela Fria.	LIII
Tabela 5	Acabamentos da superfície interna – peças individualizadas.	LIII
Tabela 6	Acabamentos da superfície externa – peças individualizadas.	LIII
Tabela 7	Acabamentos da superfície interna – fragmentos não individualizados.	LIV
Tabela 8	Acabamentos da superfície externa – fragmentos não individualizados.	LIV
Tabela 9	Acabamentos das peças vidradas (superfície interna) – peças individualizadas.	LIV
Tabela 10	Acabamentos das peças vidradas (superfície externa) – peças individualizadas.	LV
Tabela 11	Acabamentos das peças vidradas (superfície interna) – fragmentos não individualizados.	LV
Tabela 12	Acabamentos das peças vidradas (superfície externa) – fragmentos não individualizados.	LV
Figura 81	Fragmento em corda seca (CSM 320).	LVI
Figura 82	Fragmento de louça dourada a molde.	LVI
Estampa XII	Motivos ornamentais pintados incisos e estampilhados.	LVII
Planta 1	Tavira no século XI.	LVIII

Planta 2	Tavira no século XII.	LVIII
Planta 3	Tavira no século XIII.	LIX
Figura 83	Vista aérea de Tavira com identificação das hortas da cidade.	LIX
Planta 4	Tavira no século XIV.	LX
Planta 5	Tavira no século XV.	LX

Catálogo das peças